

O MILAGRE

Os cascos das mulas percutiam o lajedo do caminho velho. Fazia frio e, de vez em quando, sentia-se o estalar das poças geladas, com um estreloçar de vidros partidos que corria o dorso da noite como um arrepio.

Fora o cabo dos trabalhos para arranjar as mulas. Ninguém as queria emprestar e duas tinham sido alugadas por bom preço. Quanto aos trajos, tinha sido, afinal, o mais fácil. Bastara iludir a boa-fé da D. Otília, explorar a sua crença sincera, tocá-la na sua fibra mais sensível. Contra a pequena resistência que opusera, tinham eles apresentado razões inatacáveis:

— Foi uma promessa que fizemos, senhora fidalga. Uma promessa para remissão dos nossos pecados. Se Vossa Senhoria não nos ajuda, mais nos encaminha para as profundas dos infernos.

A velha não quisera ficar com esse peso na consciência e até fornecera a graxa com que tinham enfarruscado a cara de Baltasar. Chegara mesmo ao extremo de querer ver se iam bem compostos e a preceito, e eles viram-se forçados a ir à Casa Grande para se exibirem antes de entrarem em funções.

— Quando a fidalga souber para o que isto serviu, dá-lhe uma *pataleta* que vai direitinha para o céu — disse Baltasar.

— Para o que ela anda cá a fazer... — comentou Belchior.

— Os sobrinhos que estão à espera da herança há trinta anos é que nos deviam pagar alguma coisa — acrescentou cinicamente Baltasar.

— *Cais quê?* São uns unhas-de-fome e ainda por cima ingratos... Se calhar ainda pagam para nos meterem na cadeia...

— É o que temos mais certo — resmungou Baltasar.

— Cala-te, preto — disseram os outros dois em coro. — Se tinhas medo não viesses.

Não fora de boa vontade que eles o tinham associado à empresa. Era um tímido, ratoneiro de galinhas, que não era capaz de ir *de caras* para um homem... Mas não era fácil encontrar quem se prestasse a deixar engraxar a cara.

— E se ele dá à *dica*? — objectou Belchior.

— E então para que serve isto? — disse o Chico dos Assobios, maltês de longo cadastro, agora Gaspar, exibindo a navalha.

Quem tivera a ideia fora o Cosme antiquário.

Há muito tempo que cobiçava o tesouro da sé — aquele tesouro tão mal guardado, com os seus colares, os seus braceletes, os seus anéis. A custódia e o cálice, do século XVI, todos de ouro e de pedras finas, eram então para ele uma tentação. O desejo de os possuir tornara-se uma mania e ele faria tudo para os obter, mesmo que tivesse de arriscar, para isso, a sua reputação de homem honesto, tão injusta mas tão laboriosamente conseguida, e mesmo a cadeia.

Durante anos estudara o assunto e uma vez que recebera a visita do Chico dos Assobios, que lhe servia de intermediário nas suas traficâncias de contrabandista, disparara-lhe à queima-roupa:

— Tu já viste o tesouro da sé?...

— Eu, já...

— E sabes quanto vale?

— Não faço a menor ideia.

— Pois para cima de cem mil contos.

— Cem mil contos? Irra...!

— Sim. Aquilo devia estar era dentro de um cofre e não numa vitrina que nem chave tem. E ainda por cima, guardado à vista. — E acrescentara: — Se fosse na América, já o tinham roubado.

O Chico dos Assobios, pimpão como era, teve um assomo de patriotismo:

— Pois se na América o roubavam por que é que nós o não havemos de fazer? Os portugueses não são menos do que eles.

— De acordo. Mas, apesar de mal guardado, a coisa não é tão fácil como isso. De dia não é possível, com a sé sempre cheia de gente e de visitas. E de noite, com as portas todas fechadas, aquelas portas de castanho chapeadas de ferro — só a dinamite. Tem de se aproveitar uma altura em que a sé abra de noite, o que só acontece uma vez por ano: na véspera de Natal. E ainda é preciso distrair o povo com qualquer coisa que lhe chame a atenção. E para isso é que tu estás bom. O resto — o mais difícil e mais perigoso — é comigo. — E acrescentou: — Eu já pensei em tudo.

Durante mais de uma hora, em voz baixa mas de forma convincente, expôs-lhe o seu plano.

— Eu, chave da sacristia, tenho uma. Tirei-lhe o molde e arranjei-a. A chave da porta que dá para fora está sempre na fechadura e quem está dentro pode abri-la. O difícil é ter onde pôr as coisas, mas não é impossível. Basta que, quando chegares, ates uma das mulas à argola que está junto da porta e que a mula traga uns alforjes grandes. E, depois de acabada a função, tu vais por ela e pronto. Quanto a mim, ou saio por onde entrei, que era o mais *limpo*, ou saio para a rua e deixo a porta encostada. Isso depende das circunstâncias e, ao depois, se verá.

— E os *atafais* para o entremês, onde os arranjo eu?

— Não precisas sair da tua terra. Tem-nos a fidalga da Casa Grande: a D. Otília. Eu até já lhos quis comprar mas ela não foi nisso. Que por dinheiro nenhum. É que na família dela havia uma tradição: todos os anos, na véspera de Natal, os homens da família vinham à cidade vestidos de Reis Magos, trazer umas oferendas. Mas a tradição perdeu-se porque a família não tem homens, ou melhor, tem os sobrinhos, que não são para fantochadas e só estão à espera que a velha morra para lhe comerem os bens... Outros tempos...

— E eu, então?

— Tu arranjas dois camaradas seguros e três boas mulas. Depois pedes os trajos emprestados à fidalga — que até há-de gostar de ver reatada a tradição — e apresentas-te no adro da sé, com os companheiros vestidos de Reis Magos, rigorosamente no fim da Missa do Galo... Depois...

— Depois?

— Depois fazes umas partes e cantas umas loas, que tens jeito e garganta para isso... Só preciso que os entretenhas um quarto de hora. O resto é comigo.

A coisa foi falada e refalada até assentarem nos mais pequenos pormenores.

— E quanto é que eu *levo nisso*?

— Metade para vocês e metade para mim.

— Combinado.



As luzes da cidade viam-se ao longe e projectavam um halo na atmosfera húmida e fria.

Gaspar puxou da velha «cebola», levantando a túnica para poder chegar ao bolso das calças. A operação era difícil mas ele tinha habilidades de carteirista. Com a mesma destreza, acendeu um fósforo.

— Dez e meia — resmungou. — E daqui à cidade ainda é mais de uma légua. É preciso apressar o passo. Temos de lá estar à meia-noite certa.

Com a vara deu uma chicotada na mula e esta reagiu encabritando-se.

— Raios a partam... Ainda é mais teimosa do que eu. Já vejo que não dá mais. Mas se não pararmos, temos tempo. Vamos...

A geada brilhava nas bermas do caminho e cada vez fazia mais frio. E, de repente, começou a soprar o vento. O eterno condenado às galés perpétuas do céu rebentara as suas cadeias.

— Só faltava mais esta — regougou Gaspar.

Deu nova chicotada na mula, que obedeceu e partiu à desfilada.

— É para saberes como elas mordem... Desta vez tomaste juízo — vociferou.

As outras estugaram o passo e seguiram-na com o mesmo andamento.

— Assim, sim.

As luzes da cidade eram cada vez mais próximas e em menos de um abrir e fechar de olhos chegaram à encruzilhada, a dois quilómetros do burgo.

A silhueta da catedral destacava-se já, nitidamente, como uma mancha escura no aglomerado branco do casario. Era como uma sombra de permanência e de eternidade a dominar a vida fugaz dos homens e das coisas.

Mas, de repente, as mulas estacaram. Com as orelhas espetadas, as patas dianteiras fincadas, o corpo retesado, nada as fazia mover, nem incitamentos, nem pancadas.

— Com esta é que eu não contava. Grandes estafermos! — gritou Gaspar.

— Deveríamos ter trazido um pouco de aveia — murmurou Baltasar.

— Cala-te, preto! O que nós devíamos ter trazido era um *estadulho* para lhes *limpar o sebo*.

Redobraram os esforços, mas inutilmente. As mulas continuavam espedadas, como se fossem de bronze.

— Ora esta...

Olharam em redor, sem saberem o que fazer. A noite era agora uma romã negra e aberta, com bagos de ouro. Uma estrela-cadente riscou o céu, deixando um rastro luminoso. E, de súbito, imobilizou-se. E cada vez aumentava mais e brilhava mais. A luz incidia sobre uma choupana no alto do monte.

— Quem mora ali? — inquiriu Belchior.

— É Maria, a pastora — informou Baltasar.

— Qual Maria? Qual pastora? — perguntou Gaspar.

— Uma que não diz coisa com coisa... Uma que é inocente — respondeu Baltasar.

— Ah!

As mulas, com a cabeça levantada, fitavam a estrela e, repentinamente, como se tivessem recebido uma ordem silenciosa, começaram a subir em passo lento em direcção à casa.

Gaspar retesou as rédeas e os outros fizeram o mesmo. A boca dos animais sangrava, mas não obedeciam. Com lentidão, mas com segurança, iam subindo o caminho, apesar dos esforços desesperados dos cavaleiros.

Já não soprava vento e a noite tornava-se tépida e perfumada como um pomar de laranjeiras em flor.

— Que é isto? Que se passou? — inquiriu Gaspar.

— Não sei, mas alguma coisa se passou — disseram os outros dois ao mesmo tempo.

— Alguma coisa se passou, sim — concordou Gaspar.

Sentia-se outro, como se marchasse sobre nuvens, e a sua resistência desaparecera. Voltou-se para trás e disse simplesmente:

— Vamos... Elas lá sabem para onde nos levam.

— Há quanto tempo vimos nós a caminhar? — inquiriu Belchior.

— Há muito... Há muito... — ripostou Gaspar. — Há tanto tempo que já nem sei quem sou...

— Sim, há muito — concordou Baltasar. — Há muito. Desde o começo do mundo...

Estavam quase chegados junto da casa da pastora. O brilho da estrela era cada vez maior e o caminho refulgia como a Via Láctea.

A vinte metros da casa as mulas pararam e, como os camelos no deserto, dobraram os joelhos para os cavaleiros descerem.

— Baltasar — disse de repente Belchior, depois de se apeiar. — Tu és mesmo preto. Preto retinto...

Baltasar esfregou a cara e as mãos com violência. Depois arregaçou as mangas e levantou a túnica para observar o corpo. Teve um momento de perplexidade e concordou:

— Pois sou... Pois sou. E sempre fui assim. A negridão que havia dentro de mim passou para fora. Antes trazê-la à flor da pele que dentro da alma... — E acrescentou: — E tu,

Belchior, és rei, és mesmo rei... E tu, Gaspar, também és rei... O que vocês perderam, como eu, foi o segredo do caminho. Mas talvez hoje ele nos seja revelado.

— Talvez...

A memória da sua situação presente persistia, mas a ela sobrepunha-se a da sua verídica condição humana.

— O tempo não existe — murmurou Baltasar. — Só Deus existe, para trás e para diante... Só Deus existe. Vamos buscar as oferendas...

Despejaram os alforjes. As infusas estavam cheias de leite e de mel. Das cestas vinha um perfume de frutas sazoadas. Uma delas refulgia de pedras preciosas, mais numerosas e mais belas do que as do tesouro da sé.

Os olhos de Gaspar acenderam-se de um brilho cúpido:

— E se nós guardássemos esta?...

— Não, Gaspar — ordenou Baltasar. — Agora mando eu. Tudo o que trazemos é para oferecer... Só assim é que podemos encontrar o caminho de regresso. Vamos.

Com as mãos cheias, dirigiram-se para a casa. As portas estavam abertas de par em par e o fogo ardia na lareira. Sombras confusas agitavam-se e murmuravam no fundo da cabana. Uma ovelha balia. A pastora estava deitada no catre e gemia docemente. No seu corpo humilde, por graça divina, repetira-se o milagre da Natividade. No berço, iluminado pela estrela, o Menino agitava as mãos, aquecido pelo bafo quente da vaquinha dos presépios.

De joelhos, os três reis depuseram as oferendas. Depois rezaram. E nesse momento souberam tudo, mas imediatamente o esqueceram.

Acordaram, já o sol despontava no horizonte, inteiriçados de frio. A porta da cabana estava fechada como se lá não vivesse ninguém. A poucos metros, as mulas pastavam pacificamente as ervas cobertas de geada.

O primeiro a falar foi Gaspar:

— E esta? Tive um sonho tão estranho... Sonhei que era mesmo isto, com que estou vestido.

— E eu também — disse Belchior.

— E eu também — repetiu Baltasar.

Gaspar olhou para ele e soltou uma gargalhada:

— Estás numa linda figura.

No meio da agitação do sono, Baltasar sujara com a graxa das mãos o traje com que estava vestido.

— É verdade — concordou Baltasar. — Mas que me importa estar sujo por fora se estou limpo por dentro.

— Tens razão — concordou Belchior. — Tens razão. Eu tinha um penedo por dentro e agora não o sinto.

— E eu uma labareda — disse Gaspar. — E agora tenho uma fonte a correr dentro de mim.

Dirigiu-se para a mula, montou-a e soltou um assobio que se repercutiu de colina em colina.

— Vamos — acrescentou.

— Vamos...

E com o coração liberto, começaram a descer o caminho, de regresso a casa...

UM RECADO PARA O CÉU

Quando por toda a serra, até ao fundo do vale, se espalhou a notícia de que a velha Gertrudes do Soutelo estava prestes a transpor os umbrais que a separavam, ou da glória divina ou das penas eternas, um alvoroço sem limites percorreu as aldeias, desde as mais próximas às mais remotas, pondo nas almas perturbadas um frémito desconhecido, que participava, ao mesmo tempo, de tristeza e de alegria, mas em que a nota dominante era a de uma esperança inconfessável durante longo tempo alimentada.

Nunca a morte de alguém fora aguardada com tanta ansiedade, nem nunca, mesmo os que esperam do passamento de uma tia velha, com fartos bens, melhoria de vida e realização de desejos ocultos, ou os que almejam, com a colaboração do destino, o cumprimento de uma sonhada vingança, tinham desejado o simples trânsito de uma alma deste mundo para o outro com tão despropositada satisfação.

Isto o sabia a velha Gertrudes e, ao contrário do que possa imaginar-se, não vira nisso nem ódio, nem mesmo desamor, mas antes uma espécie de homenagem, grata ao seu coração enfraquecido, prestada por aqueles sobre quem a sua benéfica influência se exercera durante tantos anos. Era, também, uma prova de confiança que a enchia de legítimo orgulho, um orgulho a que não faltava uma pontinha de remorso pela dúvida que, à última hora, se infiltrara na sua consciência de não ser capaz (nem digna, talvez) de cumprir o que sempre